



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: *Talhata-Lisbon* • Telefone 5339 O.

Oficinas de impressão — Rua da Aitalaia, 114 e 116

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## O analfabetismo

Diz-nos o último censo que vivem neste o último censo que vivem neste nosso risonho país 5.960.056 almas. Este número está por certo muito aquém da verdade, atenta a imperfeição de que os nossos serviços de estatística enfermam. Sejam porém oito milhões em vez dos seis que os números oficiais consignam, o certo é que a bémaventurança divina sempre pródigamente coube o bem-fadado país de Portugal, o que facilmente se comprova se atentarmos em que, dos 5.960.056 lusitanos, iguaram a arte da leitura 4.478.078. Para

mostrar esta consoladora proporção em números mais acessíveis, esclareceremos que em cada 1.000 habitantes só 230 sabem ler, os restantes 710 estando mergulhados na mais profunda e beatífica ignorância. Esta percentagem é referente ao iletrismo global, quer dizer, estão nela considerados como analfabetos até os recentemente nascidos. Mas se só tirarmos as percentagens do iletrismo entre os habitantes de idade superior a 10 ou 12 anos toparemos também com números de estarrer.

A ignorância, na sua forma mais acentuada e deplorável, que é o analfabetismo, prepondera inegualmente por todo o território português. No Minho, no Alentejo, no Algarve, no arquipélago da Madeira o iletrismo campeia, e ninguém pensa em pôr-lhe cobro a golpes de instrução.

Pelo contrário: o mal alastrá e ganha força. Os números que acima reproduzimos respeitam à situação em que a monarquia nos deixou. E seria legítimo supor que, após quase onze anos de Re

Depois, as condições de vida da população tem vindo a piorando sempre, de dia para dia, antes da guerra, durante a guerra e após a guerra. Sempre a miséria acompanhou a existência dos trabalhadores de Portugal, mas a miséria tem aumentado nos últimos tempos. Isso faz com que cada chefe de família descarasse ou restringisse a educação dos seus filhos. A puerícia que deveria frequentar as escolas anda vergada ao trabalho, a consumir-se de fadigas para ganhar o sustento que a sua casa lhe não podem dar.

Depois, na maior parte dos pequenos povoados não há escola, ou por falta de sede ou por falta de professor. Os serviços de instrução nunca como hoje andaram desprezados. E quando, ali em S. Bento, um qualquer parlamentar, de pouco cabelo e nenhum miolo, falou no progresso do país, a gente sente desejo invencível de correr-lhe a pontapé, para que duma vez acabem essas oiscurseiras oceas e hipócritas a procurar disfarçar a profunda decadência, a tristíssima degradação nacional.

**A GREVE**  
dos  
Trabalhadores dos jornais

### Aos tipógrafos da província

Não tendo ainda desistido do propósito de esmagar o movimento dos trabalhadores de jornais, as empresas jornalísticas, na impossibilidade de arranjar em Lisboa tipógrafos dispostos a tirar os seus colegas em greve, recorrem agora ao aliciamento de compositores do Porto, Coimbra e outras terras, fazendo-lhes vantajosas promessas, que não pensam em cumprir.

Acham as empresas que os compositores dos outros pontos do país são menos dignos que os seus camaradas de Lisboa e, assim, apelam para eles, a fim de conseguirem derrotar-nos.

Repugna-nos acreditar que algum tipógrafo se preste conscientemente a um ato traíçoeiro e, mesmo por isso, não será mau ficar aqui esta prevenção: A greve nos jornais de Lisboa ajuda se mantém e manterá até que as empresas negociem com os trabalhadores de jornais em greve.

E, quando o conflito tiver a devida solução, os poucos elementos afectos que se encontram nos lugares que não lhes pertencem serão escorregados como canalhas que são.

### Declaração

Tendo tido enviado ao *Século*, de nome Sousa, ido a Aldeagaleira, e procurando-me a solicitar o meu concurso para a manufatura daquele jornal, alegando que se não tratava de prejuízo das classes gráficas, mas tão somente de auxiliar a publicação de jornais que um qualquer *true* (*sic!*) impediu de circularem, cumprê-me declarar que a minha vindia a Lisboa únicamente devia essas declarações, que só depois soube serem falsas. De facto, tendo chegado a esta cidade e procurando informar-me, junto de vários elementos gráficos, sobre a situação do conflito, avisei-os os novos senhores, demos-lhes conselhos, e só empreendemos uma critica de camaraçada. Demos a poder os Sóvietes a maior confiança.

Mas depois que o poder dos Sóvietes, nascido da revolução, se transformou numa máquina pôderosa de Estado, tornou-se uma ameaça para aquele.

Desenvolveu-se uma ditadura do proletariado no lugar da antiga burguesia, pela ditadura de um partido e de um pequeno número de operários sobre as restantes massas trabalhadoras, e enquanto esta ditadura estrangula a vontade do povo trabalhador, deixa a perder toda a revolução e faz desaparecer essa fôrça criadora, que lhe assegurava a vitória.

Sirva isto de lição e de aviso aos trabalhadores de todos os países, que atentem neste poder dos Sóvietes, intitulado com o nome de «ditadura do proletariado».

Os anarquistas vêem-se obrigados a lutar em defesa retomar novamente o que:

1.º O poder dos Sóvietes, por medida sua resistência ao espírito revolucionário das massas trabalhadoras, tem sido o coveiro da revolução;

2.º A guerra do poder dos Sóvietes com a burguesia já não pode desculpar a nossa atitude benéfica, porque ela tem ameaçado a revolução e ajudado indirectamente os seus adversários;

3.º O papel revolucionário que o poder dos Sóvietes desempenha no movimento operário internacional, deve ser considerado como ambíguo, pois que se na verdade ele mantém a luta contra a burguesia, por outro lado ameaça a revolução, fazendo-a enveredar pelo caminho fatal da ditadura.

Apela então à Conferência para todos os anarquistas e revolucionários honestos, a fim de empreenderem uma luta sem tréguas contra o poder dos Sóvietes, que não é menos perigoso do que os inimigos declarados Wrangel e

“Entente”.

### CONFERENCIAS

Universidade Popular Portuguesa

Neste dia instituição realiza-se hoje pelas 21 horas mais uma conferência pelo dr. sr. Câmara Reys, que tratará de *Gil Vicente*. A entrada é pública.

### A decantada insurreição

#### O que diz a Rádio

LONDRES, 13.—Cronstadt ainda se mantém contra as fôrças bolchevistas. A fortaleza bombardeou a linha ferrea ao sul do golfo da Finlândia.—Rádio.

### A ARTE E OS ARTISTAS

## UMA ESCOLA MODERNA

*Pela sinceridade contra a ficção! — Pela arte livre exercida por homens livres!*

Tivemos há poucos dias ocasião de dizer que estávamos fartos de ver sempre os mesmos pinheiros, o mesmo quebrar de dentes contra rochedos negros ou a mesma estrada poeira, pintadas pelas mesmas mãos e pelos mesmos artistas, ou pintores de cerebrões idênticos. Esta monotonia é um suplício para quem anseia pelo mais belo.

Os nossos pintores chegam ao exagero de pintar sempre os mesmos modelos. Não há originalidade, nem sinceridade, nem exponitividade. Pinta-se por se ver pintar os outros e não porque o temperamento da maioria dos nossos pintores necessite servir-se da pintura para fixar um sentimento, uma ideia, uma qualquer impressão que a Natureza lhe cause. A pintura é uma confusão de tintas inexpressivas, aplicadas de conformidade com fórmulas feitas. Pintar-se por figurino, como se podessem fazer fatos ou chapéus à moda. A pintura deixou de ser arte — a livre interpretação da Natureza — para se tornar um simples ofício, que se aprende na Escola de Belas Artes, como nas fábricas e oficinas se aprende, segundo regras estabelecidas, aplainar madeira ou a enrolar cigarros.

Este aborrecimento que nos causam as leis, as regras que em vez de empregar vigor e audácia aos homens, os atrofiaram moralmente, transformando-os em simples fantoches obedientes à mão que os guia, levou-nos a procurar, na contemplação de arte feita por crianças, aquela sinceridade, intenção, frescura e graça, que anos sucessivos de correcções de mestres, de regras rígidas para que é preciso obedecer, apagaram.

Depois, no mór parte dos pequenos povoados não há escola, ou por falta de sede ou por falta de professor. Os serviços de instrução nunca como hoje andaram desprezados. E quando, ali em S. Bento, um qualquer parlamentar, de pouco cabelo e nenhum miolo, falou no progresso do país, a gente sente desejo invencível de correr-lhe a pontapé, para que duma vez acabem essas oiscurseiras oceas e hipócritas a procurar disfarçar a profunda decadência, a tristíssima degradação nacional.

Dirigimo-nos à Praça Luís de Camões, à escola do sr. J. Cabral de Lacerda.

Por felicidade encontrámos o sr. Lacerda, espírito franco, inteligência clara, vontade firme, com quem sabemos conversar.

Levou-nos imediatamente à presença dos trabalhos de Vasco Martins, o aluno mais novo da escola. Mostrou-nos o sr. Cabral de Lacerda um trabalho inédito do pequeno Vasco (9 ou 10 anos apenas). Representava uns garotos subindo a uma arvore, desenhados com segurança e flagrantes de realidade. Os trabalhos de outro pequeno, João Raífeis, mais velho já, deixaram-nos encantados. Eram uma *pochade* representando uma marinha e umas aguas-relvas de uma frescura extraordinária. As aguarelas, principalmente, iludem o despreendimento. Há uma intenção na pintura de deixar de ser arte — a livre interpretação da Natureza — para se tornar um simples ofício, que se aprende na Escola de Belas Artes, como nas fábricas e oficinas se aprende, segundo regras estabelecidas, aplainar madeira ou a enrolar cigarros.

— Porque motivo deseja reiniciar a arte do som à pintura? — perguntámos cheios de curiosidade.

— Porque há grande analogia entre estas duas formas de arte e a reunião das duas, como já tive ocasião de lembrar a estâncias superiores seria continuar o que se faz modernamente na organização das escolas. Antigamente, na Escola de Belas Artes, as especialidades estavam dispersas e agora apreendem-se reunidas.

— E onde deseja estabelecer a sua escola?

— Longe, longe da cidade, em pleno campo para que se estivesse em contacto directo com a Natureza. *Notre siècle a la lu de trop pour être beau*, diz Oscar Wilde e é uma verdade. Precisamos simplificar a nossa pedagogia e a nossa arte.

As alterações feitas no side-car tiveram lugar numa garagem da rua Hermosilla, 35 e foram feitas por Marcos Gomez, mecânico do Imparcial. Gomez declarou que a moto pertencia a um comerciante valenciano estabelecido em Saragoça, e tendo-se escangalhado em viagem, foi reparada em Madrid pelo referido mecânico. O comerciante foi devidamente autorizado a Talavera tratar de negócios regressando na sexta-feira tendo vendido a moto naquela cidade no mesmo dia.

Na rua Artur Soria apresentaram-se duas horas três indivíduos, um gordo baixo, de acento catalão e ia acompanhado por uma senhora que parecia ser o seu estado interessante. Um deles disse que desejava alugar uma casa para uma senhora guardar os móveis, falando com o dono do prédio no domingo de manhã, voltar para assinar o arrendamento e receber as chaves na terça-feira. Parece que foram elas quem realizou o atentado, e assegura-se que a polícia não tardará em tê-los em seu poder.

A guarda civil recebeu informações de que na calle de Alcalá 142 tinham estado hospedados os catalães que se faziam acompanhar pela citada mulher em estado interessante quando pretendia alugar a casa na calle de Artur Soria, e que desapareceram na noite do atentado. O catalão parece chamar-se Leopoldo Nobre.—Rádio.

— Ah — dissemos — o sr. Lacerda deve-se uma arte livre exercida por homens livres.

Era tarde e despedimo-nos. Pelo caminho vinhamos pensando na face irônica que a sua vida nos apresenta, por vezes; prende-se, mata-se, deporta-se o revolucionário que em plena praça pública copia cegamente o modelo; não se impõe, sente e transmite o que sente; a outra, escrava do modelo, tem muito mais dificuldade em inventar. Tanto uma como outra tem apenas um ano de estudo.

— E quantas lições por semana?... — perguntámos.

— Dúas sómente.

Examinámos os trabalhos e de facto Elisabeth Marques é uma sensíva. O

Mário DOMINGUES

dor de Portimão, reunido em sessão magna, protesta energeticamente contra os atentados das autoridades espanholas sobre os trabalhadores conscientes.

Em Evora tinha de efectuar-se, na sexta-feira, uma sessão pública para a realização e obterem prestar a sua solidariedade aos camaradas espanhóis, mas as autoridades locais não permitiram a sua realização.

— E a solidariedade das autoridades a manifestar-se...

As perseguições em Espanha

Do norte ao sul do país o proletariado tem manifestado veemente o seu protesto contra os assassinatos de operários espanhóis, praticados pela burguesia e pelo reacionarismo, que empregam os seus últimos cartuchos para fazer calar a voz dos oprimidos que desmandam da autocoria.

Prende-se, deporta-se, fuzilase, encerram-se sindicatos, praticam-se as maiores infâmias contra a liberdade de pensamento e de reunião, e os operários portugueses, conselhos dos seus devedores, dão fraternalmente a sua solidariedade aos irmãos da nação vizinha.

— E a solidariedade das autoridades a manifestar-se...

Um industrial corticeiro

pretende baixar os salários

PARIS, 10.—C. A classe corticeira, reunida em assembleia geral no dia 8, apreciou minuciosamente as circunstâncias em que se encontram os trabalhadores desse setor industrial e forma infame e estúpida como o industrial Francisco Viegas Louro, com fábrica de corticeira naquela cidade, pretende roubar o sustento dos seus operários, reduzindo os salários, deliberando estes, em face de tam insolente e injus

proposito de solidariedade para com os camaradas da casa Viegas Louro, que tam nobremente procederam, que sempre

— Como é que este agiotá, que vive e enriquece à custa do sacrifício das suas

coisas e não venha com actos indignos contra aqueles que vivem, ánicamente e simbolicamente, do usufruto do seu trabalho honrado.

— Apela então à Conferência para todos os anarquistas e revolucionários honestos, a fim de empreenderem uma luta sem tréguas contra o poder dos Sóvietes, que não é menos perigoso do que os inimigos declarados Wrangel e

“Entente”.

Portimão, 13.—O povo trabalhador

### A MORTE DE DATO

O resultado das investigações policiais

MADRID, 13.—A descoberto do side-car dos assassinos de Dato causou verdadeira satisfação. Num café dos quatro caminhos encontrava-se um operário que vive nos subúrbios de Madrid e que comentando o assassinato diz que na mesma noite do atentado, próximo da sua casa um side-car ocupado por três indivíduos e faróis apagados esteve a ponto de atropelá-lo, facto querelado noucom o crime. Um oficial inferior da guarda civil pediu-lhe que o acompanhasse à presença dos seus superiores para relatar o caso. Depois de várias provas foi cercada a casa número 77 da rua Artur Soria onde existia uma grange, onde esteve escondido Mateo Morral que atentou contra a vida do rei no dia do seu casamento. Tendo ficado uma janela aberta entraram dois sargentos tendo encontrado um side-car com três pistolas Star e várias cargas de carregadores contendo balas em quantidade verdadeiramente extraordinárias. Participou-se o caso ao juiz que levantou auto começando-se as investigações para identificar os assassinos. A moto era de grande potência marca Indian, em estado novo, o side-car é velho e tem várias modificações para fazer com que a polícia lhe perdesse a pista. Tinha uma inscrição falsa que não existe. O interior era um verdadeiro arsenal de munições tendo também uma grande pistola nova, 75, Mauser. Num exemplar da Vanguardia, de Barcelona, havia numerosas munições de vários calibres, um boné usado e uns óculos de chauffeur.

O sr. Cabral de Lacerda explicou-nos mais ou menos o seu ideal em pedagogia artística. Aquela escola será talvez uma experiência. Porém, o sr. Lacerda, que há nove anos luta, obscuramente, contra os atritos dum meio desucedido, pretende mais. Ele deseja fundar uma escola absolutamente racional, onde se podessem desenvolver livremente, sem peias, sem preconceitos que em vez de adiantar afrogrado moralmente os indivíduos — as artes da corte e do som. Considera-as essencialmente criadoras.

— Porque motivo deseja reiniciar a arte do som à pintura? — perguntámos cheios de curiosidade.

— Porque há grande analogia entre estas duas formas de arte e a reunião das duas, como já tive ocasião de lembrar a

